

Dedico este livro aos meus maravilhosos amigos:

Claire Boston  
Leonie Knight  
Lorraine Mauvais  
Teena Raffa Mulligan  
Susy Rogers

# Capítulo 1

*Swindon, Wiltshire: março de 1910*

**D**epois do jantar, Mattie Willitt começou a levantar os pratos de sobremesa, ansiosa pelo fim do serão. O padraсто estava mal-humorado e, sempre que o viam assim, ela e as duas meias-irmãs faziam por se manterem afastadas dele porque era sinal de problemas — sempre.

Bart espetou um dedo na direção dela.

— Deixa isso para mais tarde. Quero dizer uma coisa.

Ela pousou os pratos e voltou para a mesa, entrelaçou os dedos sobre o regaço e ficou à espera, os nervos em franja.

Ele recostou-se, os polegares enfiados no largo cinto de couro, regozijando-se com a espera a que as obrigava. Quando ela pensou que não suportaria mais a expectativa, o padraсто inclinou-se para a frente.

— A nossa Mattie vai casar — anunciou.

As três olharam-no de olhos arregalados.

— É a primeira vez que ouço isso — disse ela, tentando manter a voz firme.

— Porque eu só concordei com isso recentemente. Porém, há semanas que o Stan Telfor não me larga por causa disso.

— O Stan Telfor! — As palavras saíram-lhe pela boca sem que Mattie conseguisse conter-se. Aquele homem era uma versão mais

jovem de Bart, mais bem-parecido, mas igualmente forte, e também ele medonho, na opinião de uma mulher pequena como ela. Nunca casaria com um homem como ele. Todavia, conseguiu conter uma recusa furiosa e, com indiferença, disse: — Por que motivo quereria eu casar com ele ou com qualquer outro homem? Sou feliz aqui a cuidar de vocês os três. — Porém, Mattie só ficaria ali até as irmãs terem idade suficiente para escapar das garras do padrasto. Jurara isso a si mesma.

— Casarás com ele porque isso vai ao encontro dos meus interesses e porque, vá-se lá saber porquê, ele meteu na cabeça que gosta de ti. — Bart sondou-a, a cabeça inclinada. — Acha que és bonita. Já eu gosto de mulheres com mais carne à volta dos ossos e também não sou grande apreciador de cabelos ruivos. Mas gostos não se discutem.

— Não percebo porque concordou.

Ele sorriu e esfregou o indicador no polegar.

— O dinheiro convence qualquer um.

— Você vendeu-me. — As palavras foram proferidas em voz baixa, mas com uma fúria fervilhante. Tinha a esperança de que não se tivesse notado.

— Sim. Dei-te um teto todos estes anos, pela memória da tua mãe, mas não és do meu sangue. Chegou a hora de receber algo em troca. A Nell já tem idade para tratar das lides da casa. Uma filha tem obrigação de cuidar do pai. Por isso, eu e o Stan decidimos ler os banhos de casamento no próximo domingo.

Ela fechou os olhos para esconder a ira. Bart nem sequer considerara a hipótese de ela não querer casar com Stan, apenas vira uma oportunidade de ganhar algum dinheiro e aproveitara-a. O padrasto faria qualquer coisa por dinheiro.

Caso ela recusasse, levaria uma valente tarefa até aceder. Isso já acontecera antes, quando ela se apaixonara e quisera casar. Fincara pé até ele ameaçar que, a seguir, espancaria as suas irmãs e mandaria Renie, a mais nova, a voar pela sala com uma bofetada com as costas da mão. Fora nesse instante que percebera que não havia nada a fazer.

Ele pôs-se de pé.

— Vou dizer ao Stan que tu o aceitaste. — Deu uma risadinha, um resfolegar que lhe brotou do peito, e depois escarrou para a lareira.

*Porco imundo!*, pensou Mattie. *Odeio-te, Bart Fuller.*

Quando ele saiu para ir ao *pub*, num sussurro, como que temendo que ele ainda a conseguisse ouvir, a irmã Nell perguntou:

— Não vais casar com o Stan, pois não? — Mattie abanou a cabeça.

— O que vais fazer?!

— Ainda não sei. — Hesitou. — Hoje vi-te a falar com o Cliff Greenhill, Nell. Tu ama-lo, não amas? — A meia-irmã olhou-a com cautela e assentiu com a cabeça. — Ele pediu-te em casamento?

Nell brindou-a com um sorriso subtil de felicidade e Mattie sentiu uma ponta de inveja.

— Pediu.

— O teu pai não o consentirá.

— Eu sei. Falei sobre isso com o Cliff. Ele tem um bom emprego na oficina, já lá trabalha desde os 15 anos, foi aprendiz de estofador de carruagens. Não quer sair de cá. Aqui, tem o futuro garantido.

— Se ele aqui ficar, não poderás casar com ele. O pai dar-lhe-ia uma valente sova se ele tentasse. Talvez até o deixasse inválido!

Nell ruborizou e, em voz baixa, disse:

— Temos de casar. Estou de esperanças. Só que... não sabemos o que fazer.

— Eu já desconfiava que estavas grávida. Estava à espera de que me dissesses.

— O Cliff diz que a Renie pode viver connosco depois de casarmos, porque sabe como é o nosso pai, mas vocês as duas não.

Mattie fitou-a, apreensiva.

— Ele estaria a falar a sério? — Não era preciso perguntar por que motivo não a queria, pois já o sabia. A compassiva Nell deixá-la-ia assumir o comando. Mattie não o desejaria, mas era a

mais velha, tanto uma mãe como uma irmã, e estava habituada a dar ordens às outras. E Cliff queria ser o senhor da sua própria casa, com a sua mulher como dona de casa, uma mulher obrigada a fazer o que ele lhe mandasse. No fundo, o que a maioria dos homens queria, certo?

Renie fitou-as, boquiaberta.

— Terás de fugir. Agora não tens alternativa, porque eu vou-me embora, e quanto mais depressa melhor. Vai já falar com o Cliff. O teu pai ainda ficará no *pub* pelo menos mais uma hora. — Esfregou a cabeça, que lhe estava a doer. — Eu vou para cima. Hoje estou cansada. Renie, atíça o lume.

Enquanto estava a deitar-se, desfrutando de um raro momento de privacidade no quarto que partilhava com as irmãs, Mattie voltou a pensar na forma como o padraсто a vendera como se fosse um mero animal. Quanto é que ela valeria? Cinco libras? Dez? Mesmo que fossem doze!

Não chorou. Já ultrapassara a fase das lágrimas.

Seria capaz de o fazer? Atrever-se-ia a ajudar as irmãs a fugir dele e depois fugiria ela também?

Tinha de ser. E, acima de tudo, era imperioso ter cuidado. Tinha a certeza de que apenas teria uma oportunidade para ser livre. E elas também.

Na manhã seguinte, Mattie acordou com uma valente constipação, uma das piores da sua vida. Não era gripe, não podia ser gripe. Nada a poderia impedir de fugir. Quando as outras saíram para o trabalho, ela fez um esforço para tratar dos afazeres domésticos, mas teve de se sentar para descansar. Mais tarde, foi para a loja da esquina, onde ajudava durante duas horas a meio do dia, mas teve de regressar a casa e deitar-se pois sentia-se demasiado zozna para se conseguir manter de pé.

Caiu num sono profundo e só acordou quando o padraсто chegou do trabalho e bateu a porta. Ao perceber que as coisas não

estavam preparadas para o jantar, chamou-a aos gritos. Ela tentou sentar-se, mas sentiu a cabeça a andar à roda. Fez um esforço para lhe responder, mas apenas conseguiu emitir um grasnar.

Bart subiu as escadas sonoramente, olhou para ela e afastou-se, tirando o lenço do bolso e levando-o ao nariz.

— Estou constipada — murmurou. — Sinto-me zozna.

— Estás branca como a cal. Tens de dormir na sala de estar, senão ainda pegas a constipação às tuas irmãs. Tinhas de ficar doente logo agora! O que é que o Stan vai dizer?

— Desculpe... por não fazer o jantar.

— Compraremos peixe e batatas fritas.

— Para mim não é preciso. Não tenho fome.

Ele encolheu os ombros e voltou a descer as escadas. Passado algum tempo, Mattie levantou-se, levou alguma roupa de cama para a sala de estar, no piso térreo, e acomodou-se no sofá. Ele não se ofereceu para lhe levar uma bebida quente ou acender a lareira, e ela também não pediu, apesar de estar a tremer e sedenta. Aconchegou-se, a sonhar com a fuga, ou pelo menos em nunca mais ter de voltar a vê-lo.

Que tipo de vida era aquela? A sua mãe ficaria horrorizada. Jane Willitt casara com Bart porque se sentira só. Naquele tempo, antes de engordar, ele era um homem bem-parecido. E, justiça lhe fosse feita, tratara bem a mãe durante o namoro e nos primeiros tempos do casamento. À sua maneira, gostara dela. Porém, conforme acabariam por perceber, casar com um homem como ele fora um enorme retrocesso para a viúva de um professor, filha de um pastor.

Ele iludira-as com a perspectiva de um emprego nas obras do caminho de ferro em Swindon. Ninguém contrataria Bart Fuller para o cargo de capataz, porque ele era demasiado agressivo e não seria capaz de supervisionar homens, apenas os intimidaria. A falta de sucesso profissional tornara-o amargurado. Quanto à sua distinta esposa, esta apenas lhe dera raparigas, e depois decidira morrer, deixando-o sozinho para as criar com a ajuda de uma catraia de 14 anos.

Mattie suspirou e aconchegou-se, num esforço por se manter quente. De que adiantava cismar no passado? Agora, o que importava era o futuro. Por muito que amasse as irmãs, não iria prender-se a um homem como Stan Telfor só para não perturbar o padrasto. De qualquer maneira, agora Nell também precisava de fugir.

Não, chegara mesmo a hora de abalar. A liberdade com que tanto sonhara estava prestes a concretizar-se.

Foi um alívio quando as irmãs chegaram do trabalho. Nell levou-lhe uma chávena de chá enquanto Renie pediu autorização ao pai para acender a lareira na sala de estar.

— Como conseguiste convencê-lo a deixar-te acender a lareira?  
— murmurou Mattie.

— Disse-lhe que tu ainda morrerias de pneumonia se não te mantivéssemos quente, e que ele perderia o dinheiro do dote.

— Estiveste com o Cliff?

Nell anuiu com a cabeça, aproximou-se dela e falou num tom baixo, sem tirar os olhos da porta.

— O plano era partir na sexta-feira, depois de ele receber o salário, mas teremos de adiar a fuga até à próxima semana. Tu não estás em condições de ir a lado algum.

— Não! Temos de partir esta semana. — Mattie teve um acesso de tosse, mas, quando este passou, agarrou Nell pelo braço.  
— Falaremos depois de ele sair para ir ao *pub*.

No início, pareceu-lhe que o padrasto iria ficar em casa, pois estava a chover a cântaros, mas, depois de ele passar algum tempo inquieto na cozinha, espreitou pela porta das traseiras e foi buscar o casaco e o chapéu.

— Agora já não chove tanto. Vou beber um copo. Não abram a porta a ninguém enquanto eu estiver fora.

Quando saía, dizia sempre a mesma coisa. Quem é que ele imaginava que queria ir a casa dele? Mattie pensava frequentemente nisso. Ele nunca convidava ninguém nem fazia os vizinhos sentirem-se bem-vindos quando estes apareciam, não tinha

familiares de quem gostasse, e preferia passar a maior parte das noites no calor do Fettle's Arms.

Depois de sair, juntaram-se as três na sala de estar e Mattie sentou-se, ignorando as tonturas.

— Tu não estás em condições de ir a lado nenhum — repetiu Nell.

— Mas tem de ser esta semana. Não quero ir a casa do Stan depois da missa no domingo. Sabes do que ele estará à espera. — O padraço piscara-lhe o olho quando lhe deixara bem claro que ela deveria «ser simpática» com Stan.

Não, quer melhorasse quer não, partiria conforme previsto. Stan Telfor não levaria a melhor sobre ela. Elas apenas teriam uma oportunidade para fugir, e ela não a iria perder.

Jacob Kemble ajoelhou-se para plantar algumas sementes, tarefa que adorava fazer, pois podia pensar enquanto trabalhava. Olhou em redor, satisfeito. Transformar a pequena quinta que o pai lhe deixara numa horta de produtos para venda fizera toda a diferença, e agora não lhe faltava nada, ainda que aquele pequeno pedaço de terra nunca fosse o suficiente para o fazer enriquecer.

O que lhe faltava... ah, ele não sabia. Companhia era o mais aproximado que lhe ocorria, alguém que trabalhasse ao lado dele e criasse os seus filhos, alguém com quem conversar à noite. E uma esposa para tratar da lida da casa. Mesmo com a ajuda de uma mulher da aldeia, sabia que não estava a fazer um bom trabalho.

Porém, não escolheria outro casamento de conveniência. Alice fora uma boa alma, uma mulher trabalhadora, sobretudo nos primeiros anos, porque também ela adorava a vida ao ar livre. Contudo, isso não fora o suficiente. Ela não fora uma boa companheira para um homem meditativo, porque não se interessara por outra coisa que não a casa e a família. Para dizer a verdade, ela aborrecia-o, ainda que se sentisse culpado sempre que o admitia a si mesmo.



Todavia, só percebera o quanto Alice o ajudara quando teve de se desenvencilhar sem ela. As imagens saltaram-lhe à mente, como sempre acontecia quando pensava no acidente. Um cavalo atirara ao chão o cavaleiro durante uma caçada, a alguns campos de distância. Mais tarde, viria a saber que o homem chicoteara o cavalo ferindo-o num olho, o que o levara a fugir e a saltar umas sebes, colidindo com a sua pequena caleche e mandando Alice pelos ares como uma boneca de trapos.

Fora preciso abater o cavalo, pois este ficara a relinchar de agonia. A sua esposa não gritara. Morrera antes de ele conseguir levantar-se do meio dos destroços e ir até junto dela. Ele fraturara uma perna, o que o deixara a coxear permanentemente. Não era muito pronunciado, mas tornava-o um pouco mais lento e às vezes provocava-lhe dor quando exagerava no esforço.

Ao levantar-se, para descontraír as costas, viu a Sra. Newington a sair da mansão. Ela passou pelos portões, parou a olhar para o fundo da colina e, quando o viu, acenou-lhe e começou a caminhar na direção dele.

Ele correu até ao balde para lavar das mãos o grosso da terra e, à falta de uma toalha, secou-as às calças. A Sra. Newington já tinha uma boa idade, por isso não conseguia caminhar depressa, mas gostava de sair de casa, e ele sempre apreciara estar na cavaqueira com ela. Suspeitava que ela sentia ainda mais solidão do que ele.

Ela esperou que Jacob lhe abrisse o portão; depois, nos seus modos bruscos, disse:

— Quero falar consigo, Sr. Kemble.

— Quer entrar e sentar-se, Sra. Newington?

— Não. Prefiro sentar-me naquele seu banco. Dizem que vai chover, por isso não convém desperdiçar este sol radioso, não acha?

Ele esperou que ela se sentasse; depois obedeceu a um sinal e juntou-se a ela no banco.

— Agora que o Hillman morreu, preciso de alguém que vá receber as minhas rendas à aldeia e tratar de pequenas reparações. Está interessado no trabalho?

Ele não hesitou.

— Com certeza que sim.

— Acha que está à altura? Eles tentam esquivar-se aos pagamentos. E depois teria de fazer a contabilidade.

— Tenho jeito para os números, nisso saio à minha mãe, e saberei quem pode pagar e quem não pode.

— Então, o emprego é seu. Receberá cinco por cento das cobranças, tal como o Hillman. Vá lá a casa à noite para eu lhe passar a documentação. — Olhou para o terreno principal de Jacob. — Parece que as suas plantações vão de vento em popa.

— É verdade, mas ficariam melhor se chovesse um pouco. — Olhou para o céu. Ainda não se viam nuvens, mas conseguia sentir a aproximação da chuva.

— O meu reumatismo diz-me que vai ser mais do que um pouco — disse a Sra. Newington, levantando-se.

Ele não tentou ajudá-la, pois a senhora era muito independente. Tinha de ser, já que, com a sua idade, tinha de dirigir uma casa à beira da falência. Ninguém esperara que ela a fosse herdar. Os bens tinham sido vendidos ao desbarato pelo último proprietário, que deixara de cuidar deles desde que o seu único filho e herdeiro morrera na Guerra dos Bóeres.

Nessa ocasião, as pessoas da aldeia amarraram um laço preto às portas de entrada em todas as casas e mantiveram os cortinados fechados em sinal de respeito. Depois do funeral, o proprietário deixou de ser visto durante meses até que despontou das suas crises de bebida excessiva um homem diferente, amargurado e insensível ao bem-estar dos inquilinos.

Não deixara a mansão ao sobrinho, um homem astuto que vivia na vila vizinha, mas antes à sobrinha, que partira, ainda adolescente, para outras paragens com o resto da família do seu irmão mais novo. Todos ficaram espantados com a escolha da

herdeira; e a surpresa maior chegou quando ela não vendeu a propriedade ao primo, pois era do conhecimento geral que Arthur Newington tinha a esperança de ser o herdeiro e aguardava com ânsia instalar-se na mansão.

Nunca se sabe que surpresas a vida nos reserva, pensava Jacob.

Ele e Alice haviam feito planos de melhorar aquelas terras e transformá-las numa horta próspera; para venderem produtos de qualidade a preços mais elevados às melhores mercearias das vilas vizinhas. Pelo menos nisso eram compatíveis. Mas, desde o acidente, ele não conseguia pensar de maneira racional — limitava-se a seguir a sua vida o melhor que conseguia só com aquele terreno destinado ao cultivo e os outros arrendados para pastoreio.

Achava que deveria recuperar um dos outros terrenos e dar-lhe uma utilização melhor. Porém, de momento, tudo o que conseguia fazer era cultivar aquele e cuidar dos filhos. Olhou para as cerejeiras que ladeavam a azinhaga. Estavam a ficar em flor, a massa de florescência rosa-clara tão bela que ansiava por a ver todas as primaveras.

Agora que ficara com o emprego de cobrança das rendas, tinha mesmo de assentar as ideias. O dinheiro faria uma grande diferença. Permitir-lhe-ia juntar algum para o futuro e contratar melhores serviços para a casa.

A cobrança das rendas na aldeia era apenas uma parte do trabalho de Hillman, pois a Sra. Newington tinha algumas propriedades em Wootton Bassett, uma povoação localizada nas cercanias. Não sabia quem era o feitor. A Sra. Newington era uma pessoa sagaz, e os seus modos diretos faziam com que todos os aldeões gostassem dela.

Na manhã de quinta-feira, Mattie precisou de muita força de vontade para se levantar da cama e cuidar das lides da casa, mas não foi trabalhar. Continuava a dizer a si mesma que aquele era

o terceiro dia da constipação, e toda a gente sabia que, ao terceiro dia, o pior já passara, pelo que no dia seguinte estaria apta para fugir — tinha de estar.

Nessa noite, como era seu hábito, o padraсто atirou o dinheiro das tarefas domésticas para cima da mesa, hesitou e acrescentou outro florim reluzente.

— Aqui tens mais dois xelins. É melhor comprares um limão e mel. Tens de estar de boa saúde para o encontro com o Stan no domingo. Não vamos desiludi-lo.

— Obrigada — Mattie juntou o dinheiro e pô-lo na bolsa.

Na manhã seguinte, Bart foi trabalhar como de costume quando a sirene tocou nas obras. Tocava tão alto que, dizia-se, era possível ouvi-la a quase 17 quilómetros de distância, e não tocava apenas no início da jorna, mas também no fim. Quando tocava, a maioria dos homens mais robustos de Swindon e das aldeias vizinhas apressava-se a ir para as obras da ferrovia; a maior parte das donas de casa planeava os dias em função da sirene.

Nell e Renie prepararam-se para ir trabalhar na lavandaria local, as duas com um aspeto mais roliço do que era habitual, pois levavam vestidas todas as roupas que conseguiram.

Nell voltou para trás a correr para dar um último abraço a Mattie.

— De certeza que ficas bem?

— É claro que sim. — Porém, a voz de Mattie soou áspera; sentia a expetoração no peito ao combater a vontade de tossir.

— Não temos alternativa, bem sabes.

— Vou ter saudades tuas.

Mattie viu as lágrimas a alagar os olhos da irmã.

— Não chores! Queres que as pessoas suspeitem de alguma coisa? — disse, parentória. — Voltaremos a encontrar-nos.

— Nem sequer saberemos onde estarás, nem tu onde estaremos — comentou Nell, fungando e enxugando uma lágrima. — Além disso, ainda não estás recuperada. Não sei como conseguirás fugir.

— O Cliff pode escrever à família dentro de um ou dois anos. Eles dir-me-ão onde poderei encontrar-te. — Estendeu a mão para se agarrar à mesa.

— Continuas com tonturas — disse Renie. — Como conseguirás amanhar-te sozinha?

— Conseguirei porque assim tem de ser. Quero sair daqui tanto como tu. Mais ainda. Esta é a única oportunidade que terei de escapar ao casamento com o Stan. — Mattie não temia apenas a violência do padrasto, mas também a maneira como ele poderia usar as irmãs outra vez para a convencer a fazer o que ele queria.

Juntou o máximo de coisas que conseguiu numa trouxa, vestiu umas roupas velhas que guardara para fazer panos de limpar o pó e cobriu a cabeça com um xaile que usavam para ir à latrina no jardim dos fundos. Hoje, queria fazer-se passar por uma velha pobre, mas os seus cabelos ruivos continuavam à vista. Então, pegou em farinha e esfregou-a no cabelo. Assim estava melhor.

Puxou o xaile para a testa e experimentou coxear curvada para a frente; pareceu-lhe que estava bastante convincente. Porém, não tentou abandonar a vila. Ainda não. Sabia que estava a correr um enorme risco, mas não podia, simplesmente não podia, ir-se embora sem ter a certeza de que as irmãs tinham escapado em segurança.

Quando os ponteiros do grande relógio da estação começaram a aproximar-se das 9 horas, ela posicionou-se em frente à estação, encostada à parede, num pequeno beco. Viu quando Nell e Renie chegaram, apressando-se a entrar para a estação pela entrada lateral. Nell daria a desculpa de que tinham uma familiar às portas da morte e que tinham de a ir visitar.

Mas onde estava Cliff?

Os minutos no relógio da estação continuaram a passar. Mattie esperava, cada vez mais ansiosa.

O que é que elas iriam fazer se Cliff mudasse de ideias à última hora? Nem sequer tinha dinheiro para as passagens, pois o pai confiscava todos os seus salários.

Quando faltavam apenas três minutos para o comboio partir, Cliff apareceu a correr pela rua abaixo com uma velha mala na mão. Ela fechou os olhos por instantes, estremecendo de alívio, e, quando voltou a abri-los, viu-o na bilheteira a comprar as passagens. Correu para a plataforma e desapareceu de vista.

Mattie aguardou na viela até o comboio partir numa nuvem de vapor e depois atravessou a rua para ter a certeza de que as irmãs não estavam na plataforma.

Para seu horror, cruzou-se com uma vizinha que vinha a sair da estação, mas não lhe pareceu que a mulher a tivesse reconhecido, pois esta continuou a caminhar. Teria visto Renie e Nell?

Sentindo-se a desmaiar de alívio depois de constatar que elas tinham partido em segurança, Mattie deu meia-volta e dirigiu-se para a paragem do eléctrico. Gastou algumas das suas preciosas moedas para ir até ao fim da linha, em direcção a sudeste. Depois, começou a caminhar rumo a Wootton Bassett, ponderando em ir até Bath. Se queria comer, não podia gastar mais dinheiro em transportes. Não sabia o que iria fazer para ganhar a vida, mas com certeza apareceria alguma coisa. Ela era trabalhadora e estava disposta a fazer qualquer trabalho.

Se ao menos parasse de chover! Já estava encharcada e era difícil caminhar contra a chuva que vinha de oeste. Num minuto, sentia-se a arder em febre e, no seguinte, a tremer de frio. De vez em quando, era obrigada a parar para descansar, pois sentia-se muito fraca, mas o medo do que aconteceria se Bart a apanhasse fazia-a encontrar forças para continuar a seguir em frente, a custo.

Quando estava a descansar numa pedra na berma da estrada, um homem que seguia numa caleche parou e perguntou:

— Sente-se bem?

— Estou apenas um pouco cansada. Obrigada, meu senhor.

— Vai para longe?

— Para Bath — respondeu. — Vou encontrar-me com o meu irmão, mas não tenho dinheiro para ir de comboio.

— Bath ainda fica longe. — Ela concordou com a cabeça. — Se quiser, posso dar-lhe boleia por alguns quilómetros.

Sem acreditar na sua sorte, ficou sem reação, mas lá acabou por dizer:

— Oh, é muita bondade sua, meu senhor.

— Suba.

Perdeu o fôlego com o esforço que fez para subir.

O homem olhou para ela com compaixão.

— A senhora não está bem. Não deveria andar na rua com este tempo.

— Não tenho escolha. Agradeço muito a sua ajuda.

Pareceu-lhe que tinham passado apenas alguns minutos quando o homem lhe disse que teria de se apear, mas ela achou que era bom presságio, pois avançara mais do que alguma vez conseguiria a pé, mesmo que não estivesse doente, o que de certeza faria com que lhe perdessem o rasto, caso fossem atrás dela.

Disse para si mesma que conseguiria escapar, tal como as irmãs, e sentiu-se animada. Iria conseguir. Até parara de chover, mas olhou para o céu e ficou desanimada. Para oeste, via-se um aglomerado de mais nuvens escuras. Em breve, recomeçaria a chover.

Perdeu a noção do tempo, mas pouco depois começou a chover copiosamente e ela abrigou-se algum tempo debaixo de uma árvore, a tremer. No entanto, era evidente que não pararia de chover tão cedo, e ela não podia ficar ali o dia inteiro. Ainda estava demasiado perto de Swindon, pelo que teria de continuar a caminhar.

Estava encharcada até aos ossos e os sapatos chapinhavam ao caminhar, o que a levou a fazer um sorriso amargo. Se morresse de pneumonia, livrar-se-ia do padrasto de uma vez por todas.

Algum tempo depois, deu por si a falar sozinha e, consternada, parou, fazendo um esforço para se controlar. Porém, logo de seguida, estava outra vez a resmungar.

— Só mais alguns passos, só mais alguns passos. — Ajudava andar ao ritmo dessas palavras, por isso desistiu de tentar caminhar em silêncio. Não havia quem a ouvisse, pois ninguém era tolo a ponto de andar na rua debaixo daquela borrasca.

O tempo passou, indistinto, até que deu por si sentada num banco debaixo de uma árvore sem fazer a menor ideia de há quantas horas ali estava. Depois, a descansar ao abrigo de um muro do qual se projetava um arbusto alto. Tinha as roupas e a trouxa a escorrer água.

Quando começou a anoitecer, não sabia ao certo onde estava. Parecia-lhe que tinha deixado a estrada principal e seguido por um caminho secundário, mas talvez até fosse bom, porque assim, mesmo que o padraсто a seguisse até ali, não saberia onde ela mudara de rumo.

— Procurar um celeiro — murmurou. — Tenho de... procurar um celeiro. Tenho de... parar para passar a noite. — Agora estava escuro como breu e ela não parava de tremer, sentindo as mãos e os pés como blocos de gelo. Levava um pouco de pão e queijo na trouxa. Estariam ensopados, mas dariam para comer se tivesse fome, só que não tinha. Tinha o dinheiro que ganhara a cuidar da casa para comprar mais comida e a água era gratuita em qualquer riacho. Tinha o bastante, à justa. Mas sentia-se exausta e com muito frio.

Com certeza haveria casas nas redondezas. Olhou à procura de luzes, mas não as encontrou. Agora, avançava mais devagar, pois apenas conseguia cambalear alguns passos, parar, e cambalear mais um pouco.

Então, quando pensava que não conseguiria dar nem mais um passo, viu-a: uma luz a brilhar ao longe, um pouco para a direita, e uma vereda que ia nessa direção. Mais alguns passos e conseguiu ver o que pareciam ser as luzes de uma aldeia ao fundo da vereda, para a esquerda, mas estavam mais longe do que a primeira luz, por isso seguiu para aí.

Deu alguns passos e parou. Mais alguns passos. Tropeçou e caiu. Ficou deitada durante um ou dois minutos com a chuva



a desabar sobre ela na penumbra. Arrastando-se até ficar de gatas, reuniu forças para se pôr de pé e continuar a cambalear.

Quando caiu outra vez, não conseguiu levantar-se nem arranjar forças para pedir ajuda. As trevas envolveram-na, puxando-a para um enorme buraco.

*Estou a morrer*, pensou, e estava demasiado cansada para se importar.

## Capítulo 2

**A** chuva batia com força nas vidraças e fustigava o telhado. Jacob suspirou e olhou para o relógio. Passava meia hora das oito. Naquela noite, parecia que o tempo estava a arrastar-se. Atirou outro toro para o lume que estava a esmorecer e pegou no seu livro. Porém, estava tão cansado que não conseguiu concentrar-se, embora de uma maneira geral adorasse um bom livro nesta última meia hora do dia. A sua filha pequena estava a dormir, mas o filho ainda não chegara a casa.

Luke fora ao ensaio do coro que se realizava às sextas-feiras à noite na igreja da aldeia e já deveria ter regressado há uma hora. Não lhe podia acontecer nada de grave depois de deixar os outros rapazes, pois só tinha de subir o cabeço desde a aldeia, e depois percorrer a azinhaga, pelo que a única explicação seria o ensaio estar a demorar mais do que era habitual. Um rapaz da idade dele não deveria andar na rua até tão tarde numa noite tempestuosa como aquela, mas o pastor Henty não pensava nos outros no que tocava ao seu adorado coro da igreja.

Quando outra rajada fez as vidraças retinir e uma corrente de ar gelada assobiou pela frincha da porta, Jacob franziu o sobrolho ao perscrutar a enorme divisão que fazia as vezes de cozinha e área comum. Estava tudo arrumado, ele certificava-se disso,

por muito cansado que estivesse, mas a casa deixara de parecer um lar. Na semana anterior, a Sra. Grey, da aldeia, não pudera ir fazer a limpeza porque o marido estava doente. A pequena Sarah fizera o melhor que podia para o ajudar, mas não havia muito que uma menina de 8 anos pudesse fazer, e era a época do ano em que ele tinha mais afazeres nas hortas.

Depois de as crianças irem para a cama, as noites podiam ser demasiado sossegadas. Há pouco tempo, um amigo da aldeia dissera-lhe que ele deveria procurar outra mulher para ser mãe dos seus filhos e cuidar da casa, mas Jacob dissera-lhe que se metesse na sua vida, e a conversa ficara por ali. Se alguma vez voltasse a casar, seria por amor e por querer passar o resto da vida com essa mulher. Os seus pais assim tinham feito e tratavam-se com amor e carinho. Ele nascera já tarde e perdera-os antes de completar 20 anos. A mãe simplesmente definhara aos poucos após a morte do pai.

Se calhar fora demasiado ríspido com o amigo, mas Ben não ficara ofendido, e o mais certo seria não voltar a tocar no assunto.

Jacob também fora bastante ríspido com o novo coadjutor, que lhe dissera a mesma coisa, pela terceira vez, no último domingo, provavelmente acicatado pela esposa. A Sra. Henty gostava de meter o bedelho na vida alheia, mas era função de Ernest Henty velar pelo bem-estar do seu rebanho. Porém, a última gota de água fora a sugestão de unir pelos laços do matrimónio Jacob a Essie Jupe, que morava na aldeia. Ela perdera o marido há seis meses e precisava desesperadamente de um pai para os três intratáveis filhos, mas esse pai não seria Jacob. Ele andara na escola com Essie. Não gostava dela então, e ela não se tornara mais simpática com o passar dos anos. Não queria uma víbora como ela a educar Luke e Sarah.

A porta abriu-se de rompante e Luke quase caiu ao entrar na sala.

— Papá! Papá! Anda depressa, por favor! Está uma pessoa morta na nossa azinhaga!

— O quê?! — Jacob agarrou o filho de 10 anos pelos ombros e olhou-o nos olhos. — Se isso for invenção tua...

Luke tentou recuperar o fôlego.

— Não é invenção! Quando eu vinha a correr pelo caminho acima, tropecei numa coisa. Pensei que era um monte de farrapos velhos, mas não era! Era um corpo de mulher. Morta! Na nossa propriedade! — disse, com algum entusiasmo.

— Tens a certeza? — Luke tinha uma imaginação fértil, o que o metia muitas vezes em sarilhos.

— Papá, está lá um corpo!

Suspirando ao pensar em ter de sair de casa com aquele tempo agreste, Jacob pegou no seu oleado, que estava pendurado nos cabides de madeira à beira da porta. Acendeu uma velha candeia e, exasperado, estalou a língua ao ver o vidro estalado que andava para trocar há já algum tempo. Depois saiu para a rua.

— Mostra lá!

Luke chapinhou pelos charcos de água ao lado dele, aparentemente sem se preocupar com o frio e com a chuva. Ainda estava a falar, entusiasmado, mas as suas palavras eram levadas pelo uivo do vento. Uns meros segundos depois, Jacob já estava a tremer, mas encolheu os ombros e seguiu em frente. Não se podia deixar um corpo ali no chão. Se é que era um corpo.

— Aqui, papá!

Jacob levantou a candeia e pestanejou para afastar as gotas de água dos olhos. Também lhe parecia um monte de farrapos molhados. Ao seu lado, havia uma trouxa mais pequena. Juntos, pai e filho debruçaram-se, mas, quando Jacob tentou perceber se a mulher estava mesmo morta, o vento, por fim, fez apagar a candeia. Resmungando de irritação, tateou à procura da cara da mulher e tocou na pele molhada. Ela não se mexeu nem reagiu, mas pareceu-lhe que a sua cara ainda estava quente e, ao examinar com mais atenção, sentiu uma fraca pulsação no pescoço.

Atirou a inútil candeia para as mãos do filho, debruçou-se para pegar no corpo e sentiu-o estremecer. Estava mesmo viva. Mas,

se assim continuaria, ninguém sabia. Há quanto tempo estaria ali desmaiada?

— Traz a trouxa, Luke. Deve pertencer-lhe.

Quando chegaram a casa, Jacob perdera o chapéu, e estava ensofado e quase tão gelado como o fardo que trazia ao colo. Afastou com o pé o tapete esfarrapado diante do grande fogão, pousou o corpo com as suas roupas encharcadas no chão de pedra e gesticulou para o filho.

— O que estás a fazer aí embasbacado, Luke? Fecha a porta, depressa, e depois acende a outra candeia!

Teve de afastar uma madeixa de cabelo da cara da mulher para ver as suas feições. A intimidade daquele gesto levou-o a sentir uma estranha afeição por ela. Desenrolou o xaile da cabeça e dos ombros da mulher. Estava tão molhado que fez um baque ao cair no chão. O que andava a fazer uma mulher sozinha numa noite daquelas? Para aumentar o mistério, ele nunca a vira por aquelas bandas. Conhecia toda a gente da aldeia de Shallerton Bassett, pois toda a vida ali vivera, e também conhecia os familiares dos aldeões.

Ao apoiar-se sobre os calcanhares, pensando no que deveria fazer a seguir, um suspiro escapou-se dos lábios azulados da mulher.

— Está viva. — A voz de Luke deixou transparecer a desilusão.

Jacob teria sorrido se o caso não fosse tão sério. Para um rapaz da idade dele, encontrar uma pessoa morta era muito mais aliciante do que encontrar uma viva; seria um assunto de que se vangloriaria junto dos amigos.

— Quem será? Nunca a vi.

Ouviu-se outro suspiro, e os dentes da jovem mulher começaram a tiritar. Ela virou a cabeça de um lado para o outro, soltando um gemido.

— É melhor despir-lhe estas roupas molhadas. Vai buscar uma toalha, Luke. Depois tira os cobertores da minha cama e atira-os cá para baixo. Despe essa roupa molhada, veste o pijama e não desças enquanto eu não te chamar. Esta pobre criatura não quererá um catraio da tua idade a olhar para ela de olhos arregalados.

Ela também não queria que um homem desconhecido olhasse para ela de olhos arregalados, mas Jacob não tinha alternativa. Se queria salvar-lhe a vida, tinha de lhe tirar aquela roupa encharcada, que começava a libertar um ténue vapor por estarem junto da lareira e estava tão molhada que ainda largava minúsculos regatos de água.

Quando começou a investigar a roupa da desconhecida, Jacob percebeu que ela envergara diversas camadas. Seria para se manter seca? Se fora para isso, de nada serviria. Ou talvez fossem todas as roupas que possuía.

Ao desapertar os pequenos botões da última blusa, com os seus dedos ásperos do trabalho, não conseguiu deixar de reparar que ela tinha um corpo elegante e de curvas delicadas. Virou-a de costas e teve de parar, o seu rosto adquirindo um ar severo. A pele branca das costas da mulher estava desfigurada por cicatrizes antigas. Ele já vira outras do género nas costas de um rapaz com quem brincara há muitos anos, cicatrizes deixadas pela fivela de um cinto. Alguém lhe deveria ter dado uma violenta surra quando era mais nova, pobrezinha, para a deixar assim marcada.

Poucos minutos depois, estava seca e embrulhada num cobertor. Segurando-a outra vez nos braços, voltou a pôr o tapete no seu sítio junto ao lume e deitou-a com delicadeza. Agora, só lhe restava mantê-la quente e esperar que não morresse durante a noite.

— Quem é ela, papá? O Luke disse que a encontrou caída no caminho.

Jacob voltou-se e viu Sarah na soleira da porta, de camisa de noite e os pés descalços, os compridos cabelos louros caídos sobre os ombros.

— Não sabemos. É uma desconhecida.

— Apanhou uma constipação, coitadinha. Olha como treme!

— E tu também apanhas uma constipação se não vestires outra coisa. Espera um minuto. — O estado lamentável da desconhecida e o seu próprio embaraço por causa da sua nudez obrigaram

Jacob a uma indecisão momentânea. — Vai lá acima e põe um xaile. Depois... — teve de respirar fundo para ganhar coragem para proferir as palavras seguintes — traz uma camisa de noite da mamã que está na última gaveta da cómoda no meu quarto.

Sarah fitou-o boquiaberta, e ele sabia porquê. Desde que Alice morrera, apenas ele podia mexer nas coisas dela. Ainda se lembrava de Poll Titcombe ir lá a casa perguntar que destino iria dar às roupas de Alice. No dia a seguir ao enterro da sua mulher! Ele ainda estava de muletas devido ao acidente. Baterá a porta na cara do vizinho e depois chorará como um bebé, de cabeça colada à parede. Fez um esforço para afastar essa recordação.

— Já que vais lá acima, Sarah, diz ao Luke que vá para a cama. Não há mais nada que ele possa fazer aqui.

Dois minutos depois, Sarah estava de volta e passou-lhe para a mão a camisa de noite coçada.

— Cheira a bolas de naftalina. — Franziu o nariz, enojada.

— Esta pobre coitada não está em condições de se preocupar com o cheiro. — Jacob fez um esforço para ignorar as recordações que a camisa de noite trazia. Tentou convencer-se de que não passava de um pedaço de flanela, apenas isso. Além do mais, Alice seria a última a sentir rancor pelo empréstimo a uma pessoa tão necessitada. — Muito bem, Sarah. Eu vou segurá-la e tu enfiás a camisa de noite pela cabeça dela.

De olhos fechados para se concentrar, respirando fundo, Sarah conseguiu levar a cabo a difícil tarefa de vestir uma mulher adulta que estava tão indefesa como o recém-nascido dos Titcombes. Quando voltaram a deitar a enferma, ela gemeu, como se tivesse dores, e depois abanou a cabeça de um lado para o outro.

— Não posso deixar que ele me apanhe — disse, num tom roufenho.

Estava explicado o motivo por que ela andava a vaguear pela zona rural numa noite de temporal com várias camadas de roupa vestidas, apesar de estar doente. De quem estaria a fugir? Jacob não sabia. De um marido? Olhou de relance para a mão esquerda

dela. Não tinha qualquer aliança, nem a pele do dedo apresentava a marca de alguma vez ali ter havido um anel.

Ela gemeu outra vez e murmurou:

— Não posso parar... de caminhar. Não posso... parar!

Jacob calculou que ela se obrigara a caminhar até chegar ao seu limite, e era provável que viesse de Swindon, uma jornada cansativa para se fazer a pé e debaixo de uma tormenta daquelas.

— Papá! Papá! — Percebeu que Sarah estava a abaná-lo. — Tu também precisas de despir essa roupa molhada.

— Eu nunca fico constipado.

— Eu e o Luke temos de mudar de roupa quando nos molhamos. Tu precisas de ter essa roupa seca para amanhã.

— Então está bem, querida. — Abraçou a filha. — Vou lá acima vestir a roupa velha. Fica de olho nela. Não demoro.

Sarah sentou-se a contemplar a desconhecida. A camisa de noite da mãe ficava-lhe muito grande e, agora que o cabelo dela começava a secar, dava para perceber que era arruivado, e não castanho.

Quando Jacob voltou para baixo e se ajoelhou para ver como estava a mulher, ela abriu os olhos e observou em redor, em pânico. Tentou levantar-se, mas não conseguiu.

— Quem é o senhor? Onde estou?

— O meu filho encontrou-a na nossa vereda, inconsciente, por isso eu trouxe-a para nossa casa.

A desconhecida perscrutou-lhe o semblante e viu alguma coisa que a tranquilizou.

— Obrigada! — Teve um acesso de tosse que não parou durante algum tempo. Ele segurou-a sentada até ela parar de cuspir, mas continuou a ouvir a pieira no peito dela. — Não consigo... respirar bem.

— Parece-me que deve estar com alguma congestão pulmonar. Sentir-se-á melhor se ficar quente. — Lembrou-se de como ela parecera preocupada e acrescentou: — E não se preocupe, aqui estará em segurança.

— Segurança?



O seu olhar demorou-se um pouco no rosto de Sarah. Depois olhou para Jacob, estendendo uma mão para lhe tocar, como que para ter a certeza de estar mesmo ali. Ele tomou-lhe a mão nas suas, aquecendo-lhe os dedos esguios entre os seus.

— Não dirão a ninguém... que estou aqui?

Pareceu tão desesperada que ele disse:

— Juro que não.

— Obrigada. — Soltou outro suspiro e fechou os olhos, mas ainda tinha a respiração áspera e ruidosa, e ele receava que não fosse uma mera constipação. Se não estava em erro, ela contraíra a temida pneumonia que tantas vidas ceifara, de ricos e pobres, porque não havia nada que alguém pudesse fazer, nem mesmo os médicos, para a curar.

— Ela já está a dormir outra vez, papá — murmurou Sarah. — E nem sequer nos disse como se chama.

— Podemos perguntar-lhe pela manhã. O nome não terá mudado até lá. — Olhou em redor. — Vou acender a lareira no salão. Podemos deitá-la no sofá. É tão bom como uma cama e lá tem menos correntes de ar. Vai buscar os meus lençóis de inverno, querida. A flanela será mais quente do que o algodão. Vai o mais depressa possível.

Depois de acomodar a desconhecida, mandou Sarah para a cama, mas não se foi deitar, ficando a vigiar a mulher doente. Em boa hora o fez. Passou a noite ora a puxar os cobertores para trás quando ela ficava quente e febril ora a cobri-la outra vez quando começava a tremer.

A manhã apanhou-o desprevenido. Olhou pela janela e viu os campos das redondezas com nitidez sob a luminosidade da névoa pardacenta. Ainda estava a chover, mas com menos intensidade. A tempestade perdera força. Ouviu barulho no piso de cima e, pouco depois, os dois filhos espreitaram para a sala.

— Ainda está viva? — perguntou Luke.

— Sim, mas não está bem. Receio que esteja com pneumonia.

— Como o velho Sr. Benness?

— Sim.

— Ele morreu.

— Ela é muito mais jovem. Tem mais hipóteses. — Jacob consultou o relógio e bocejou. Sentia uma aspereza nos olhos pela falta de sono, mas o trabalho na horta não podia esperar. — Vigiem-na enquanto eu vou dar de comer às galinhas.

Vendia ovos a dois vizinhos, ou trocava-os por outros artigos, além de que com eles preparava refeições rápidas e nutritivas para os filhos, ainda que agora tivesse menos galinhas do que quando Alice tratava delas.

— Queres que vá chamar a Sra. Henty? — perguntou Luke.

— Ela às vezes ajuda quando as pessoas estão doentes.

Jacob ponderou um pouco. Seria bom ter a ajuda de uma mulher, mas a esposa do coadjutor era uma alcoviteira inveterada e, se ali fosse, toda a aldeia ficaria a saber da desconhecida.

— Não. Eu prometi-lhe que não diria a ninguém que ela está aqui, e vocês devem fazer o mesmo.

Desiludido, Luke fez má cara.

— Oh, papá...

— Se eu souber que vocês falaram sobre ela a alguém, seja a quem for, o que quer que seja, ficarão em sérios apuros, meu menino. Deem-me a vossa palavra de Kemble de que não falarão dela a ninguém.

As duas crianças prometeram, e ele ficou convencido de que não revelariam o segredo. Eram bons meninos. Os melhores.

Bart regressou a casa depois de um dia de trabalho árduo, com frio e molhado da caminhada, para encontrar a casa deserta e fria. Não tinham acendido a lareira, a louça do pequeno-almoço ainda estava na mesa e não havia sinal das três raparigas.

— Mas que raio...?!

Ficou de pé na cozinha, espantado e indignado. Depois subiu as escadas, as pesadas botas de trabalho a fazer baques surdos nos

degraus de madeira. Ele não gostava de carpetes nas escadas, pois não permitiam ouvir se alguém estava a subi-las ou a descê-las.

O quarto dos fundos estava deserto. Observou tudo com atenção. A gaveta de cima não estava totalmente fechada. Abriu-a de rompante e franziu o cenho ao perceber que só continha metade das roupas. Abriu as outras gavetas com um repelão, arrancando a última do móvel e atirando-a para o chão, espalhando o que continha no interior. Normalmente, aquelas gavetas estavam a abarrotar de roupa. Sabia-o porque as inspecionava de vez em quando. Gostava de estar a par de tudo o que se passava dentro da sua própria casa, ao mais ínfimo pormenor.

Onde estariam as raparigas? Com a fúria ainda a fervilhar, sentou-se na cama, batendo-lhe com o punho, tentando perceber o que estava a acontecer. Franziu o sobrolho fitando a gaveta virada ao contrário e pregou-lhe um pontapé, enquanto uma suspeita assustadora o acometia.

Teriam fugido?

Porque fariam tal coisa? Ele dava-lhes um bom lar, não dava? Era uma casa da ferrovia, de boa construção e bem mantida.

Mas elas nunca tinham chegado tarde a casa, não as três, e algumas roupas tinham desaparecido. O que mais poderiam estar a fazer? Só podiam ter fugido.

Então, percebeu porquê. Aquilo era coisa de Mattie. Ela não queria desposar Stan, aquela cabra ingrata, e deveria ter convencido as outras a irem com ela. Aquelas duas eram muito indulgentes, faziam sempre o que ela dizia. Pois bem, ele não permitiria tal coisa. Ah, isso é que não!

Para onde teriam ido? E onde teriam arranjado dinheiro para fugir?

Com este pensamento, pôs-se de pé, desceu as escadas com estrépito e foi direito ao vaso do dinheiro, que estava sempre em cima da lareira. Vazio. Já estava a contar com isso, mas inspirou, em choque. Soltando um bramido de fúria, atirou o vaso contra a parede do outro lado da sala, onde embateu com estrondo.

Começou a andar de um lado para o outro, pensando no que fazer, mas sentiu a barriga a dar horas. Uma coisa de cada vez. Abriu o recipiente do pão e só encontrou meia sêmea. Pegou nela, bateu-a com um baque no tampo da mesa, cortou uma fatia e barrou um pouco de manteiga e compota. Comeu com grandes dentadas, porque estava sempre esganado de fome quando chegava do trabalho. Aquilo daria para aguentar algum tempo; depois teria de sair para comer peixe e batatas fritas.

Era um trabalho árduo, o da construção da ferrovia. Ele ainda era um homem forte, mas já não era tão jovem e robusto como noutros tempos, motivo pelo qual estava a fazer uma poupança para a velhice, conforme faria qualquer homem sensato. Ele precisava daquelas raparigas e dos rendimentos que traziam para que tivesse conforto quando a empresa o despedisse ou lhe oferecesse um emprego de salário baixo, como era costume fazer. Já vira isso acontecer com outros homens quando perdiam as forças, e não duvidava que o mesmo destino o esperava.

As raparigas não iriam privá-lo dessa segurança. Era obrigação dos filhos velar pelo bem-estar dos pais. Outras pessoas poderiam ser estúpidas a ponto de deixarem as filhas casar e sair de casa, mas ele não. Ele manteria as suas filhas em casa e, com o dinheiro amealhado, ao qual juntaria a maquia que Stan lhe pagaria pelo matrimónio com a enteada, ficaria bem na vida. Traçara esse plano há anos.

— Maldita sejas, Mattie Willitt! — murmurou. — Ficarei feliz por me livrar de ti. Mereces bem o Stan.

Viu os cacos do vaso de dinheiro e franziu o sobrolho. Não poderiam chegar longe com o dinheiro da lida de casa. Não tinham o suficiente para comprar bilhetes de comboio para as três, apenas para chegarem a uma ou duas estações mais à frente. Por isso, como puderam pensar que conseguiriam escapar-lhe?

Ele encontrá-las-ia, custasse o que custasse. Nenhuma mulher levava a melhor sobre ele, e nunca levaria.

# Wiltshire, Inglaterra, 1910

Mattie Willitt é uma jovem cuja vida está longe de ser agradável. Ela e as irmãs são constantemente intimidadas e agredidas pelo padrasto de Mattie, um homem cruel e violento que a quer obrigar a casar com um homem muito mais velho do que ela. Mattie vê-se, assim, perante uma escolha angustiante: casar com o homem que o seu padrasto escolheu ou fugir com as irmãs. Todas decidem fugir em busca de uma vida melhor.

Para terem maior probabilidade de sobreviver, as irmãs optam por seguir caminhos separados. Durante a fuga, e sob uma terrível tempestade, Mattie perde-se e cai de exaustão, certa de estar prestes a morrer. É encontrada inconsciente pelo filho do viúvo Jacob Kemble, que decide levar aquela desconhecida para casa e cuidar dela, vindo a descobrir que ela sofre de uma forte pneumonia.

Ao recuperar, Mattie aproxima-se de Jacob e das pessoas em seu redor, e o destino acaba por colocá-la perante escolhas e oportunidades que nunca havia considerado. Terá ela a coragem de arriscar viver um futuro tão diferente do que imaginou e enfrentar aqueles que ameaçam a sua felicidade?



«Excepcional. Um livro que nos arrasta por uma torrente de aventuras.»

*Historical Novels Review*



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-067-6



9 789895 640676

Ficção Romântica